



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 20, v. 3  
out-dez.2024  
p. 144-165

# Adoção e homoparentalidade no filme Patrik 1.5

(Adoption and same-sex parenting in the film Patrik 1.5)

(Adopción y homoparentalidad en la película Patrik 1.5)

Amanda Brandane Minari<sup>1</sup>

Erika Arantes de Oliveira-Cardoso<sup>2</sup>

Letícia Carolina Boffi<sup>3</sup>

Manoel Antônio dos Santos<sup>4</sup>

**RESUMO:** Este artigo examina o processo de transição para a parentalidade adotiva em um casal homossexual masculino, por meio da análise de uma narrativa cinematográfica. Ao longo do filme *Patrik 1.5*, acompanhamos a história de uma adoção tardia e a formação do vínculo entre os pais e o filho adolescente. Alegrias e surpresas iniciais no cenário da adoção são abordadas, bem como seus desdobramentos na dinâmica conjugal do casal protagonista. Partindo da compreensão do filme como meio de reprodução de discursos que integram a vida social, analisamos cenas selecionadas à luz do arcabouço teórico da Psicanálise Vincular. Interpretamos as tramas envolvidas no processo de construção da vincularidade entre pais adotivos e filho, com foco nos processos vivenciados pelo casal na esfera conjugal, destacando os tensionamentos que levaram à ruptura momentânea. Com apoio do adolescente, o casal conseguiu reconfigurar o vínculo amoroso, ao mesmo tempo em que abriu espaço para acolher o novo membro familiar.

**PALAVRAS-CHAVE:** parentalidade adotiva; conjugalidade; homossexualidade; Psicanálise Vincular.

**Abstract:** This article examines the transition process to adoptive parenthood in a male same-sex couple, through the analysis of a cinematic narrative. Throughout the film *Patrik 1.5*, we follow the story of a late adoption and the formation of the bond between the parents and the teenage son. Initial joys and surprises in the adoption scenario are addressed, as well as their impact on the marital dynamics of the protagonist couple. Viewing the film as a medium for reproducing discourses that integrate social life, we analyze selected scenes in light of the theoretical framework of Linking Psychoanalysis. We interpret the plots involved in the process of building the bond between adoptive parents and the child, with a focus on the experiences of the couple in the marital sphere, highlighting the tensions that led to a momentary rupture. With the support of the teenager, the couple managed to reconfigure their intimate bond while making room to welcome the new family member.

**Keywords:** adoptive parenthood; conjugality; homosexuality; Linking Psychoanalysis.

**Resumen:** Este artículo examina el proceso de transición hacia la parentalidad adoptiva en una pareja homosexual masculina, a través del análisis de una narrativa cinematográfica. A lo largo de la película *Patrik 1.5*, seguimos la historia de una adopción tardía y la formación del vínculo entre los padres y el hijo adolescente. Se abordan las alegrías y sorpresas iniciales en el escenario de la adopción, así como sus repercusiones en la dinámica conyugal de la pareja protagonista. Considerando la película como un medio para reproducir discursos que integran la vida social, analizamos escenas seleccionadas a la luz del marco teórico del Psicoanálisis Vincular. Interpretamos las tramas involucradas en el proceso de construcción del vínculo entre padres adoptivos e hijo, con un enfoque en los procesos experimentados por la pareja en el ámbito conyugal, destacando las tensiones que llevaron a una ruptura momentánea. Con el apoyo del adolescente, la pareja logró reconfigurar su vínculo amoroso al mismo tiempo que abría espacio para dar la bienvenida al nuevo miembro de la familia.

**Palabras clave:** parentalidad adoptiva; conyugalidad; homosexualidad; Psicoanálisis Vincular.

1 Pesquisadora do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS), vinculado ao Departamento de Psicologia e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo número 2024/06673-1. E-mail: amandaminari@usp.br

2 Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Coordenadora do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS). E-mail: erikaao@ffclrp.usp.br

3 Doutoranda do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS), vinculado ao Departamento de Psicologia e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Bolsista de Doutorado da CAPES. E-mail: leticiaboffi@gmail.com

4 Professor Titular do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Coordenador do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS). E-mail: masantos@ffclrp.usp.br



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 07/11/2023

Aceito em 24/05/2024

## 1 Introdução

O conceito hegemônico de família, que impõe a diferenciação sexual entre os genitores e a conjugalidade heterossexual como base para a constituição de um grupo familiar (Passos, 2005; Souza-Santos; Santos, 2021), mostra-se insuficiente para incluir as diferentes e múltiplas possibilidades de exercer a parentalidade. Entre as resistências à hegemonia desse modelo, encontram-se as famílias constituídas por pais homossexuais que, neste estudo, serão referidas pelo termo “famílias homoparentais” e abordadas no contexto da adoção, entendida como via de acesso ao direito de constituir família por meio de laços socioafetivos (Souza-Santos; Santos, 2021).

No contexto contemporâneo, vivencia-se o crescente acesso a direitos civis por pessoas homo e bissexuais (Gaspodini; Falcke, 2019; Peixoto *et al.*, 2021; Souza *et al.*, 2021), movimento que é acompanhado pela resistência aguerrida de setores sociais conservadores, que ameaçam a manutenção dos avanços conquistados (Borges; Holanda; Rodrigues, 2023; Braga *et al.*, 2017, 2018). Nota-se a persistência obstinada de preconceitos atávicos, que reforçam barreiras e sentimentos de desconfiança quanto à possibilidade de pessoas não alinhadas à heteronormatividade exercerem a parentalidade, o que assinala a importância de tornar visíveis as diferentes formas de constituir família que desafiam os modelos de gênero e de relações parentais naturalizados como legítimos (Machin, 2016).

No Brasil, ainda que o primeiro caso de adoção realizada por um casal homossexual tenha ocorrido em 2004, apenas em 2011 o debate público acerca da adoção homoparental se fortaleceu, mediante o reconhecimento legal da legitimidade da união entre casais homossexuais (Alvarenga; Risk; Santos, 2021; Brasil, 2011), mesmo sem o respaldo de legislação específica sobre o tema. Nesse contexto, vale ressaltar que o casamento ou união estável não é imprescindível para que a adoção seja viabilizada no Brasil, tanto que homens e mulheres solteiros(as) sempre puderam pleitear a adoção junto ao sistema judiciário (Brasil, 2009).

Na realidade da adoção homoparental, ainda persistem muitas barreiras institucionais ao longo do processo, frequentemente relacionadas a preconceitos baseados na reprodução de valores heteronormativos pelas famílias homoparentais (Silva *et al.*, 2018). Isso afeta a preferência dos adotantes em geral por bebês e a crença em valores familiares centrados na suposta superioridade dos laços consanguíneos em detrimento dos laços socioafetivos (Cecílio; Scorsolini-Comin; Santos, 2013; Mata; Santos; Scorsolini-Comin, 2020; Ribeiro; Martins; Teixeira-Filho, 2017). Observam-se, ainda, dificuldades adicionais no percurso da homoparentalidade; além da burocracia enfrentada



comumente pelos(as) candidatos(as) à adoção de modo geral, adotantes LGBTQIAPN<sup>5</sup> ainda têm de lidar com barreiras de caráter moral, que podem se tornar autênticos impedimentos no desfecho do processo de adoção (Ribeiro; Martins; Teixeira-Filho, 2017; Tombolato *et al.*, 2018).

A literatura destaca tanto as diferenças quanto as similaridades entre a parentalidade biológica e a adotiva, que permeiam os percursos individuais dos pais como definidores da construção da parentalidade e, concomitantemente, de resignificação da conjugalidade (Cecílio; Scorsolini-Comin, 2013; Otuka; Scorsolini-Comin; Santos, 2012, 2013). Considerando que algumas das configurações familiares homoparentais emergem a partir dos processos de adoção, torna-se necessário investigar as especificidades de tal fenômeno, com o propósito de evidenciar suas singularidades.

Diferentemente do que se observa na parentalidade biológica, na experiência de transição para a parentalidade adotiva, em suas diferentes configurações, o período de espera pela chegada do filho geralmente é vivido com intensa aflição pelos adotantes, uma vez que não há legitimação social de sua condição parental enquanto aguardam esse desfecho (Otuka, Scorsolini-Comin; Santos, 2008; Scorsolini-Comin; Amato; Santos, 2006). Além disso, há os trâmites legais próprios dessa modalidade de tornar-se pai ou mãe, o que pode gerar sofrimento psíquico dada a longa duração da espera e o desgaste ao qual as famílias adotantes são submetidas durante o processo (Mata *et al.*, 2020). Tal período, que precede e envolve a chegada do filho adotado, constitui de forma singular a transição para a parentalidade adotiva (Silva *et al.*, 2018), momento decisivo no qual o casal adotante constrói e solidifica suas perspectivas no processo de se tornar pais/mães (Rosa *et al.*, 2016; Tombolato; Maia; Santos, 2019).

É um período grávido de possibilidades, pois o par conjugal passa a atuar ativamente na estruturação de novos lugares simbólicos, condizentes com a função parental. Essa construção é influenciada por fatores tais como as características pessoais dos(as) adotantes – como gênero e sexualidade, marcadores que permeiam e colorem a elaboração dos papéis a serem desempenhados pelos pais – e dos(as) adotados(as), como idade e personalidade em formação, que repercutem no vínculo com os pais adotivos, assim como as circunstâncias próprias do processo de adoção (Silva *et al.*, 2018).

Nesse contexto de transição, a elaboração das fantasias, desejos, percepções, valores e expectativas dos pais quanto à chegada do adotado repercute na forma com que o casal irá confrontar sua nova realidade familiar (Otuka; Scorsolini-Comin; Santos, 2013; Scorsolini-

5 Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis/Transgêneros, *Queer*, Intersexo, Assexuais/Arromânticos/Agênero, Pansexuais/Polissexuais/Panromânticos, Não Binários e as diversas identidades não contempladas pelas outras letras da sigla.



Comin; Amato; Santos, 2006). Além disso, a relação afetiva entre pais/mães e filhos, elaborada no curso do processo de adaptação vivenciado por eles com suas influências mútuas, é catalisadora de recursos que alicerçam o vínculo familiar (Santos *et al.*, 2003), o que atesta a importância do período de transição para a constituição dos processos de subjetivação na parentalidade adotiva. Nessa configuração familiar singular, o laço familiar é formado por meio da escolha e do afeto mútuo, independentemente do crivo biológico (Ribeiro; Martins; Teixeira Filho, 2017; Tombolato *et al.*, 2019).

Estudo de revisão sobre homoparentalidade adotiva, abrangendo o período de 2010 a 2020 (Viana *et al.*, 2022), constatou que o campo das homoparentalidades teve maior proeminência como tema de pesquisa entre os anos de 2015 e 2017. Entretanto, segundo os autores, a representação de famílias homoafetivas ainda carece de maior espaço na produção científica, “dada sua relevância no cenário das constituições familiares contemporâneas” (Viana *et al.*, 2022, p. 17) e as especificidades sociais, políticas e culturais que essas configurações familiares apresentam. Esse contexto aponta para a necessidade de ampliar e potencializar o olhar acadêmico voltado à temática, considerando o arcabouço teórico-epistemológico que deve sustentar a produção de conhecimento.

Nessa vertente, pesquisas contemporâneas se voltam à compreensão das repercussões da chegada de um filho na dinâmica conjugal e familiar, e têm enfatizado uma percepção de maior participação do pai na criação dos filhos. Nesse sentido, destaca-se a transformação do papel paterno tradicional de provedor, característico da herança do modelo patriarcal de sociedade, o que possibilita a valorização de elementos como o afeto e a transmissão de valores no exercício da paternidade (Otuka; Scorsolini-Comin; Santos, 2009).

Comparativamente com os estudos dedicados à parentalidade biológica, a transição para a parentalidade adotiva ainda não tem merecido a mesma atenção por parte da literatura, especialmente quando se tratam de famílias compostas por casais homossexuais (Viana *et al.*, 2022). Uma particularidade observada frequentemente nas adoções é a presença de uma ruptura precoce de vínculos afetivos como marco inaugural das vivências dos adotados, o que pode ter impactos na construção de laços afetivos com a família adotante (Silva *et al.*, 2018). Finalmente, outra questão que se apresenta de forma recorrente no cenário da experiência adotiva é o desgaste da espera na fila de adoção, a morosidade processual e os exaustivos trâmites jurídicos necessários para efetivar o procedimento legal (Mata *et al.*, 2020; Otuka; Scorsolini-Comin; Santos, 2010, 2012).

Mata e colaboradores (2020) apontam que, para os adotantes, há especificidades quanto à transição para a parentalidade que, em tais contextos, também envolve trâmites legais para



sua consumação. Quanto aos procedimentos jurídicos envolvidos no processo de adoção, são destacadas barreiras, tais como as avaliações a que os(as) adotantes são submetidos(as) e os juízos de valor emitidos por alguns profissionais do Judiciário e operadores do direito (Ribeiro *et al.*, 2017; Tombolato *et al.*, 2018). Por juízo de valor entende-se uma avaliação subjetiva que uma pessoa faz sobre algo, baseada apenas em suas crenças, valores e opiniões pessoais. Trata-se de um julgamento não amparado em fatos objetivos, mas fundamentado na percepção subjetiva do que é bom ou ruim, certo ou errado, desejável ou indesejável.

Ao abordar as adoções protagonizadas por casais homossexuais, a literatura mostra que esses casais enfrentam entraves que se apresentam como desdobramentos da homofobia socialmente perpetrada (Mata *et al.*, 2020). Nesse sentido, ainda se nota uma descrença arraigada na capacidade dos pais homossexuais de suprirem os papéis parentais na relação com o filho adotado, ainda que, na produção científica sobre o tema, não se encontre documentado qualquer prejuízo psicológico aos filhos adotados por casais *gays* quando comparados aos adotados por famílias heterocentradas (Souza-Santos; Santos, 2021).

Na interface das experiências entre homoparentalidade e adoção, a literatura se mostra restrita, o que denota a manutenção da invisibilidade dos arranjos familiares distintos do heteronormativo (Ribeiro, 2016). Os estudos que se propõem a discutir tal tema objetivam ampliar e desnaturalizar o conceito de família, de forma consistente com as transformações da sociedade e os contornos atuais da conjugalidade e da parentalidade (Silva *et al.*, 2017), buscando evitar práticas uniformizantes que partam do modelo heteronormativo de família para compreender a homoparentalidade. Além disso, está bem estabelecido que a qualidade do vínculo pais-filhos é o principal elemento que influencia o desenvolvimento psíquico da criança e não a orientação sexual dos pais adotivos, o que contraria argumentos frequentemente utilizados por indivíduos conservadores na tentativa de impedir o acesso legítimo de pais/mães homossexuais ao exercício da parentalidade (Souza-Santos; Santos, 2021; Tombolato *et al.*, 2019).

Uma das lacunas identificadas na literatura produzida acerca da transição para a parentalidade adotiva são as repercussões da chegada do filho adotado na dinâmica conjugal do casal adotante (Otuka; Scorsolini-Comin; Santos, 2009). Tal temática, raramente abordada, torna-se ainda mais rarefeita quando analisada no contexto da homoparentalidade, o que assinala a necessidade de produzir estudos que se debrucem sobre as questões suscitadas nessa área. É preciso abrir espaço para o planejamento de estratégias de intervenção profissional que favoreçam a sistematização do cuidado psicossocial nesse contexto (Cecílio; Scorsolini-Comin, 2013), de modo que as potencialidades possam suplantar as fontes de vulnerabilização.



Estudo de revisão sobre relacionamentos amorosos e homossexualidade mostrou predomínio de pesquisas dedicadas aos temas relativos ao casamento e ao exercício da parentalidade em casais homossexuais, além de investigações que examinam as políticas públicas existentes e os aspectos culturais e históricos envolvidos nesses relacionamentos (Nascimento *et al.*, 2015). Segundo os autores, devem ser priorizadas novas investigações empíricas, que se interessem por oferecer escuta às vozes dos protagonistas, dada a tendência teorizante encontrada na literatura sobre o tema. É preciso incluir na agenda de pesquisa uma preocupação mais efetiva com as especificidades das relações homoafetivas, em vez de insistir na sua comparação com arranjos heterossexuais. Essa comparação na maior parte das vezes é inadequada porque termina por reforçar o pressuposto da heteronormatividade compulsória (Tombolato *et al.*, 2018).

Com base nesse cenário, este estudo busca colaborar com a ampliação do debate sobre o processo de formação de vínculos no contexto de uma família homoparental constituída pela via adotiva, abordando a chegada do adotando e as tensões e adaptações ocorridas no âmbito conjugal. Mais especificamente, este estudo tem como objetivo examinar e compreender como se dá o processo de transição para a parentalidade em um casal homossexual masculino por meio da análise de uma narrativa cinematográfica.

## 2 Método

Trata-se de um estudo qualitativo, que problematiza a transição para a parentalidade vivenciada por um casal de homens com base na análise de um longa-metragem. A escolha de uma produção cinematográfica como objeto de análise se ampara na potencialidade oferecida pelo cinema de disparar discussões sobre questões candentes no debate social, repercutindo inquietações e captando tendências de mudanças sociais, como as expressões da diversidade sexual na constituição da experiência da parentalidade. Por outro lado, é preciso tomar em consideração que nem sempre os filmes, como qualquer outra obra de ficção, irão pautar a discussão de temáticas emergentes de modo crítico, já que a narrativa fílmica segue seus próprios cânones.

Nas últimas décadas temos assistido a uma transformação no tratamento conferido aos personagens homossexuais em obras de ficção, especialmente no setor audiovisual, como filmes (Moreno, 2001) e telenovelas (Risk; Santos, 2021b), na medida em que se retira progressivamente a homossexualidade do *locus* do discurso psicopatológico no qual ela foi historicamente confinada a partir do século XIX. Foi o que se observou na trajetória do cinema industrial estadunidense, como está fartamente documentado na obra *The celluloid closet* (Russo, 1987). No contexto local, Moreno (2001) analisou as vicissitudes da construção da personagem homossexual no cinema



brasileiro. Tais estudos fornecem evidências de que o cinema pode colaborar para a desconstrução de tabus e estereótipos, ao servir de caixa de ressonância para a captação de novas formações discursivas, capazes de interferir nas hierarquias construídas no campo do gênero e da sexualidade (Risk; Santos, 2019; Santos *et al.*, 2011).

No presente estudo, o recurso cinematográfico foi escolhido pela possibilidade de investigar os jogos e tramas de sentido, verbais e não verbais, construídos pelos personagens durante o percurso de desenvolvimento do enredo, seja nos diálogos/roteiro ou na composição visual das cenas. O filme selecionado tem por título *Patrik 1.5*. Trata-se de um longa-metragem que narra a jornada de um casal homossexual formado por Göran e Sven Skoogh, que vivencia a transição para a parentalidade pela via da adoção. Alegrias e surpresas se sucedem no cenário da adoção, funcionando como fio condutor da narrativa, com seus desdobramentos na dinâmica conjugal do casal.

O filme foi analisado de acordo com o arcabouço teórico-metodológico proposto por Risk e Santos (2021a). Esse crivo de análise compreende os recursos cinematográficos como meios “que difundem discursos e práticas e, portanto, modelam a subjetividade,” e como expressão de aspectos socioculturais que transcendem os limites do registro cinematográfico (Risk; Santos, 2021a, p. 2).

Para a delimitação do *corpus* de análise foram selecionadas cenas do longa-metragem nas quais as construções da dinâmica conjugal do casal protagonista aparecem associadas ao processo de adoção e à chegada do filho adotivo ao lar. Para operacionalizar a análise fílmica foram seguidos os seguintes passos (Risk; Santos, 2021a): seleção de cenas emblemáticas no que tange à potencialidade de iluminar a questão da transição para a parentalidade; transcrição literal dos diálogos; articulação destes com elementos visuais que compõem as cenas em questão; interpretação, que permitiu a apreensão do contexto documentado pelo filme, abarcando elementos não verbais presentes nos enunciados construídos pela narrativa, a postura dos personagens ao longo dos diálogos e a construção de cenários que se mostraram relevantes para a discussão pretendida.

Posteriormente, o *corpus* foi analisado a partir dos conceitos de interpretação e superinterpretação, desenvolvidos pelo crítico literário Jonathan Culler (2005) e utilizados por Risk e Santos (2021a) no contexto da análise qualitativa de material audiovisual. No processo de interpretação, focalizam-se os enunciados encontrados manifestamente na narrativa cinematográfica. Neste estudo, esses conteúdos foram analisados de forma a suscitar reflexões sobre a temática investigada, articulando falas proferidas pelos personagens com a literatura



produzida sobre as repercussões da transição para a parentalidade adotiva na conjugalidade de casais homossexuais. No que se refere ao plano da superinterpretação da obra, são abordados os conteúdos suprimidos ou omitidos, reiterados ou sugeridos pela obra – ou seja, aspectos não contidos de forma evidente, clara ou óbvia no material analisado. No processo analítico emergiram questionamentos sobre as omissões, reiteraões e negligências presentes na abordagem do tema da conjugalidade no contexto de transição para a parentalidade adotiva.

Com base nessas premissas, no encontro com a narrativa cinematográfica a análise buscou delimitar os silenciamentos que subjazem aos diálogos, os conteúdos implícitos e a associação destes com o conjunto narrativo, responsável pela criação de sentidos engendrados pela produção cinematográfica. As cenas selecionadas como *corpus* foram analisadas a partir do arcabouço teórico da psicanálise vincular, com destaque para a perspectiva compreensiva de Benghozi (2010) e a escuta psicanalítica dos vínculos proposta por Santos e demais autores (2017).

### 3 Resultados e discussão

O longa-metragem *Patrik 1.5* é uma produção sueca de 2008, consagrada com o prêmio de Melhor Filme no 33º Festival de Cinema LGBT de San Francisco em 2009. Dirigido por Ella Lemhagen, tem como eixo fundamental o processo de adoção vivenciado pelo casal homossexual, que se depara com uma situação inusitada. Os personagens tornam-se pais de um adolescente de 15 anos que, devido a um erro de digitação do sistema de proteção social sueco, havia sido descrito previamente como uma criança de um ano e meio para o casal pretendente à adoção, conforme consta no título da obra.

Ao longo do enredo, os conflitos vivenciados pela família em estado nascente, composta pelos adotantes – Sven e Göran – e pelo adotado Patrik, são apresentados ao espectador. Acompanhamos os três personagens em um contexto de encontros e desencontros, surpresas e expectativas não preenchidas, frustrações e descobertas recíprocas, que culminaram em um processo de revisão e ressignificação de seus próprios preconceitos. Esse processo funcionará, no desfecho da trama, como catalisador da construção dos laços familiares em bases mais realistas e menos idealizadas.

A análise compreensiva permitiu configurar três núcleos temáticos: “Ressignificando a conjugalidade”, “O desejo de tornar-se pai” e “Relacionamento com o filho adotado”.

### 4 Ressignificando a conjugalidade

No início do filme, o espectador é apresentado aos personagens principais em meio a uma festa de bairro, na qual os protagonistas, Göran e Sven, se familiarizam com a nova vizinhança,





que logo se mostra conservadora em seus valores e princípios morais. Durante o evento, os vizinhos demonstram estar incomodados, ainda que de forma velada, com o fato de Sven e Göran constituírem um casal. Como exemplo desse tratamento podemos destacar o diálogo entre Göran e Monica, em meio ao estranhamento da vizinha quando Sven é apresentado como marido de Göran:

Monica: *Desculpe, estávamos esperando uma família.*

Göran [bem-humorado]: *Tudo bem. Sven tem uma filha. Ela tem quase 16 anos, e esperamos que ela passe mais tempo conosco.*

Monica: *Nunca se sabe, nessa idade...*

Göran: *E...*

Sven [completando]: *...adotamos uma criança.*

Göran: *Estamos amparados pelas autoridades e aguardando pela chegada do nosso bebê.*

Monica [sem disfarçar sua perplexidade]: *Mas é... absolutamente incrível!*

Durante a cena em questão, no momento em que Sven interfere no diálogo, o faz aproximando-se afetuosamente de Göran, colocando a mão sobre seu ombro. A partir desse gesto, a feição de Göran torna-se mais relaxada, em contraste com a tensão prévia suscitada pela reação negativa de Monica diante da comunicação de que Sven tinha uma filha, fruto de um relacionamento heterossexual anterior. Além disso, a postura de Sven demarca o momento de mudança no tom de fala de Monica, que hesita ao formular um juízo de valor negativo frente à adoção pretendida pelo casal e acaba assumindo uma posição mais flexível e favorável ao fato, comunicando-se de maneira amigável com os protagonistas a partir de então.

É preciso considerar o contexto sócio-histórico que envolve o diálogo destacado. Na Suécia, a legalização da adoção por pais homossexuais, ocorrida em 2003, precedeu a liberação do casamento civil para casais formados por pessoas do mesmo gênero, ocorrida apenas em 2009. Tal dado aponta para um desencontro entre a possibilidade legal de constituição de família por casais *gays* e lésbicos e o reconhecimento da conjugalidade desses atores sociais pela lei. Esse descompasso aparece de forma clara no comportamento de Monica na cena descrita, dado que o longa-metragem, lançado em 2008, se insere no intervalo entre as duas legislações e, desse modo, reflete os sentidos construídos a respeito da conjugalidade homossexual pela sociedade sueca da época.

Ao se analisar a conduta do casal ao longo do diálogo com Monica, observa-se a tentativa de contornar a situação desconfortável argumentando com a vizinha que eles formam “uma família”, destacando a adoção pretendida e a existência de uma enteada (fruto do relacionamento anterior de Sven com sua ex-mulher) que também conviveria com eles. Desse modo, pode-se notar uma tentativa de Göran e Sven de validarem sua realidade familiar recém-criada, aproximando-se dos padrões heteronormativos que norteiam a visão de mundo de Monica. Essa personagem não



reconhece a legitimidade da configuração familiar formada por um casal *gay*, o que corrobora a dinâmica apontada por Tombolato e colaboradores (2018).

Também vale ressaltar que, na ausência de referências para pensar uma parentalidade que ofereça alternativas à heteronormatividade, casais homossexuais muitas vezes inspiram-se no modelo heteronormativo e o tomam como ponto de partida supostamente seguro para se viver a conjugalidade e a vida familiar (Rosa *et al.*, 2016). Isso pode ter influenciado a postura de Göran e Sven, que tentam justificar a validade de sua união em face dos comentários depreciativos de Monica.

Sob uma perspectiva psicanalítica, pode-se afirmar que o fato de Göran e Sven serem possivelmente o primeiro casal homossexual a conviver na vizinhança daquele bairro conservador pode ter colaborado para a emergência de preconceitos e discriminação, que operam como uma resposta estereotipada de defesa dos valores tradicionais que regem a vida familiar no modelo heteropatriarcal diante da angústia suscitada pelo contato com o desconhecido (Ribeiro, 2016). O casal é recebido com desconfiança porque, simbolicamente, representa os *forasteiros* que invadiram o território daquelas “pessoas de bem” que se conhecem há muito tempo, ameaçando a paz reinante e desestabilizando categorias cristalizadas do sistema sexo/gênero e de “família tradicional” (Tombolato; Maia; Santos, 2019).

Ademais, a conduta do par conjugal protagonista, que esperava angariar a compreensão e aceitação de seus novos vizinhos, como Monica, pode ser justificada a partir dos achados de Lira e Moraes (2020) que, mediante análise de perfis de ajustamento psicossocial com amostra de casais *gays* e lésbicos, propõem que a existência de redes de apoio configura-se como um recurso protetivo para o casal homossexual. No contexto de vulnerabilidade vivenciada por minorias, é preciso contar com o apoio de terceiros como forma de manejar o estresse e encontrar refúgio para os reveses vivenciados no convívio social. Desse modo, para os personagens do filme *Patrik 1.5*, o estabelecimento de redes de apoio com a nova vizinhança torna-se o meio buscado pelo casal para se sentir conectado com o novo ambiente, dado que ainda não tinham formado vínculos sociais naquele contexto.

## 5 O desejo de tornar-se pai

Na cena seguinte, ainda no decorrer da festa ocorrida no bairro, Göran aparece abraçado com Sven no interior de sua residência, enquanto olha à distância os filhos dos vizinhos pela janela. O casal protagonista dialoga sobre suas expectativas quanto à chegada do filho:



Göran: *Em breve será nossa vez... Mal posso acreditar.*

Sven: Não consigo acreditar que estou fazendo isso. Odiei a ideia no começo. [Pausa] Estou brincando.

Göran: *Espero que sim.*

No decorrer do diálogo, é possível perceber um descompasso entre as concepções de Göran e Sven sobre a paternidade. Enquanto Göran demonstra convicção quanto ao seu desejo de tornar-se pai, Sven oscila e destaca sua insegurança inicial que, segundo ele, cedeu lugar à vontade de adotar um filho, ainda que ele mesmo não acreditasse nessa mudança interior. Estaria ele fazendo uma concessão apenas para não desagradar o companheiro? Quando ocorre uma pausa em meio ao diálogo destacado, Göran vira-se de frente para o cônjuge, que o abraçava, e mostra seu semblante de espanto, como se não pudesse sequer imaginar a hesitação de Sven quanto ao projeto de paternidade.

Mais adiante, a temática ressurgiu no filme quando o casal recebe a notícia de que havia uma criança disponível para ser adotada. Nesse momento, a reação de alegria instantânea de Göran contrasta claramente com a reação fria de Sven, que parece estar chocado com a possibilidade de concretização da parentalidade que, até aquele momento, para ele era tão-somente uma expectativa distante de ser concretizada.

A iminência da chegada da criança leva o casal a experimentar um crescente mal-estar no relacionamento conjugal. Mal sabiam eles da surpresa que o “destino” estava reservando. Com efeito, no fim de semana, bateu à porta de sua casa um adolescente, anunciando ter sido enviado pelo serviço de adoção.

Esse evento inusitado desencadeia uma sucessão de desentendimentos entre o casal, que ameaçam abalar a solidez do laço conjugal. Incapazes de encontrarem uma resolução satisfatória para o conflito, Göran e Sven decidem romper seu relacionamento. A ruptura teve como gatilho o desejo de Göran de permanecer com o adolescente adotado, enquanto o cônjuge insistia em devolvê-lo por ter sido um engano do serviço de adoção, já que haviam se prontificado a receber um bebê. Sven procura deixar claro seu desapontamento:

Sven: *Isso nunca foi meu sonho: uma casa, crianças e um jardim. Sabíamos disso. Pensei que seria diferente com você, mas isso me assusta.*

Göran: *Se está falando do Patrik...*

Sven: Não, somos nós. Você está certo, você não precisa de mim. Precisa de algo mais. E eu também.

Segundo Magalhães (2003), a subjetividade dos cônjuges é substancialmente transformada na vivência da conjugalidade. Essa transformação se acentua com a chegada dos filhos, trazendo



novos desafios e introduzindo camadas de significados que adensam a complexidade da situação conjugal. O momento de transição para a parentalidade pode ser desestabilizador e a crise gerada pode precipitar o término da relação, caso os estressores suplantem os recursos que permitiriam gerenciar os conflitos produzidos, dando novos rumos ao vínculo e possibilitando integrar conjugalidade e parentalidade (Magalhães, 2003).

No filme não temos acesso aos antecedentes das trajetórias progressas de Sven e Göran, nem sabemos como eles se conheceram e passaram a se relacionar, e a partir de que momento da vida conjugal passaram a alimentar o desejo de compartilhar um projeto de vida em comum. Porém, podemos inferir que um dos parceiros era solteiro e o outro vinha de uma união de vários anos, da qual havia nascido uma filha, e que esse casamento havia sido dissolvido.

Para Benghozi (2010), os momentos de crise são também de transformação familiar, que produzem efeitos de desmalhagem, seguida da remalhagem dos vínculos. Para entendermos essa proposição, é necessário delinear uma visão panorâmica dessa concepção teórica que postula a existência de um psiquismo familiar. Benghozi parte da conceitualização de “malhagem genealógica” como um continente genealógico grupal familiar representado como malhas, que contêm a trama e a malhagem dos vínculos. A trama se refere à disposição dos laços e é constituída por um conjunto interligado por meio dos vínculos de afiliação. No nível vertical, situam-se os vínculos de filiação, os quais ligam os ascendentes aos descendentes, ou seja, pais e filhos. No eixo horizontal e sincrônico, encontram-se os vínculos de afiliação, que correspondem aos laços grupais que conferem o sentimento de pertencimento. Na intersecção dos níveis vertical e horizontal temos a malhagem genealógica, que confere a tecedura dos continentes genealógicos grupais. A família é um desses continentes, configurando o grupo primário, ponto de origem da vida psíquica do indivíduo.

Segundo as proposições teóricas de Benghozi (2010), os vínculos de filiação remontam aos ascendentes e conduzem aos descendentes; correspondem aos vínculos grupais de pertencimento. “Vínculo de filiação é uma construção psíquica apoiada na base do real biológico de filiação” (Benghozi, 2010, p. 17). Já o vínculo de afiliação compreende os vínculos sociais, de aliança:

Vínculo de aliança conjugal, assim como qualquer Vínculo que determine o pertencimento a um grupo, uma instituição, uma comunidade. O Vínculo social é psíquico de afiliação apoiado na realidade sociológica de inserção no espaço grupal social (Benghozi, 2010, p. 17).

Nesses termos, podemos dizer que a adoção cria um cenário no qual se torna possível que o vínculo de filiação, ou seja, aquele que liga os ascendentes, Göran e Sven, ao descendente, Patrik, e que sustenta o pertencimento à instituição familiar, possa se dar com base em uma construção



psíquica amparada não no laço biológico, mas socioafetivo. A ausência de consanguinidade introduz uma potência criativa que amplia o leque de possibilidades de legitimar os laços familiares de filiação com base em critérios sociais, viabilizados pelo ambiente e validados pela cultura, descolando-se, portanto, da base biológica. Assim, novos modelos de acolhimento do acontecer humano frente ao desamparo social são potencializados, o que permite que o patrimônio psíquico familiar possa ser recebido por uma geração e metabolizado, memorizado, historicizado, transformado, elaborado, até estar em condições adequadas de ser transmitido à nova geração (Scorsolini-Comin; Santos, 2016).

Segundo Benghozi (2010), a aliança conjugal permite gerir os buracos e rasgos dos continentes grupais genealógicos que são, também, uma expressão de falhas na organização dos vínculos de filiação e de afiliação. No filme em análise vimos que o abalo vivenciado na relação amorosa de Sven e Göran aciona a possibilidade, sempre em aberto, de que ocorra a remalhagem do vínculo, ou seja, a reconstrução da rede de vínculos de filiação e de afiliação, o que depende da força de coesão preexistente à crise que deflagrou a separação do casal. Para entender essa força de coesão, Benghozi (2010, p. 20) recorre ao conceito de resiliência familiar: “As rupturas do vínculo filiativo podem sempre ser remalhadas pelo vínculo afiliativo. A malha poderá ser restabelecida por uma malhagem afiliativa [...]. Defino a resiliência familiar como a capacidade familiar de malhagem dos vínculos psíquicos”.

A reestruturação do vínculo familiar envolve o restabelecimento do laço conjugal de Sven e Göran, movimento que acompanha a progressiva aceitação da paternidade, na medida em que as frustrações vivenciadas no desenrolar do processo de adoção são elaboradas pelo casal. Nesse contexto, o adolescente, que inicialmente parece ser indesejado pelos adotantes, aproxima-se progressivamente de Göran, compartilhando com ele atividades de interesse comum e permitindo que Göran conheça mais sobre a história pessoal que o levou ao abrigo. Assim, Göran, que já estava desenvolvendo um vínculo parental com o adolescente, passa a se opor à sua devolução à instituição, um ato de resistência à objetificação a que frequentemente estão submetidos os jovens institucionalizados. Por outro lado, esse gesto intensifica o conflito com o marido, o qual precipitará a dissolução do laço conjugal, sendo decisivo para a separação do casal, na medida em que um dos cônjuges permaneceu irredutível em sua recusa a permanecer com a guarda de Patrik.

Ao longo do filme a união do casal é restabelecida quando Sven se mostrou capaz de aceitar a paternidade e elaborar suas fantasias inicialmente construídas sobre o filho desejado. Nesse contexto, o personagem revê sua decisão prévia de romper o laço conjugal e retorna à casa, sem que a devolução de Patrik ao abrigo fosse uma condição para a manutenção de seu relacionamento



com Göran. A mudança de postura de Sven torna-se evidente, contrastando com a imagem que ele projeta no início do filme. Ele revê sua posição de desconfiança em relação ao garoto, ao ser confrontado por Göran sobre seu preconceito devido ao histórico de conflito com a lei, e passa a tratá-lo de forma respeitosa. Sven se revela mais flexível e aberto ao processo de conhecer Patrik, ao mesmo tempo em que também se permite ser conhecido pelo filho. Dessa perspectiva, podemos articular as duas vertentes – conjugalidade e parentalidade, como dimensões solidárias, que evoluem e se influenciam mutuamente, conforme o filme ilustra de forma clara e exemplar.

Uma cena que ilustra esse processo de aproximação entre Sven e Patrik é o diálogo que se dá após o retorno do adolescente à casa de Sven e Göran. O garoto, que havia sido redesignado pelo serviço de adoção a outra família de pretendentes à adoção, pede para ser levado de volta ao casal. Ao ser acolhido novamente por Sven e Göran, ele relata o que aconteceu enquanto esteve com a outra família:

Patrik: *Eles têm dois filhos, um menino e uma menina.*  
Göran: *Nenhum cão?*  
Patrik: Não [...]  
Göran: *Então vai ficar com eles?*  
Patrik: Não, eu realmente quero ter um cachorro.  
Sven: *Na verdade, nós conversamos sobre ter um cão.*  
[todos se olham e sorriem]

Sustentamos que a ruptura da aliança conjugal foi ressignificada como oportunidade de Sven se reinventar e se reposicionar na relação de casal. O movimento de ruptura permitiu colocar o casamento em compasso de espera, até que se pudesse lograr uma transformação capaz de sustentar a remalhagem dos vínculos, que se fazia necessária devido à transição do casal para a parentalidade. O cuidado parental foi assumido em um primeiro momento por apenas um dos cônjuges, justamente aquele que já tinha amadurecido e elaborado previamente seu desejo de acolher o filho, independentemente de ser um bebê ou adolescente, já que havia abertura para receber o que o mundo estaria disposto a lhe oferecer.

Com base na leitura psicanalítica (Santos *et al.*, 2017), podemos postular que essa postura inicial de Göran foi determinante para a sustentação do vínculo, enquanto o Sven hesitava em reexaminar sua postura contrária a assumir um filho com o parceiro. Posteriormente, essa determinação de Göran parece ter tido um efeito transformador em relação à reserva inicial do marido, que claramente não compartilhava da mesma convicção e, portanto, necessitava de um tempo próprio para se reorganizar, afastando-se momentaneamente até que estivesse em condições de acompanhar o ritmo que Göran imprimiu à relação. Para Sven parece ter sido importante perceber que poderia se distanciar, mesmo que tivesse de enfrentar a dor do rompimento da aliança com o



homem que amava, rasgando o tecido da trama vincular. Após vivenciar a dor inerente ao processo de desmalhagem, ele se deu conta de que poderia retornar em um outro momento sentindo-se mais fortalecido e refeito, em melhores condições para reconstruir os vínculos em novas bases. Desse modo, foi possível remalhar o continente genealógico que havia ficado esgarçado e, assim, reconstituir a unidade rompida. Como resultado desse processo restaurador, a família em estado nascente passa por uma completa reconfiguração de seus vínculos afetivos.

Como mostram Scorsolini-Comin e Santos (2016), o vínculo conjugal tem um papel crucial na transformação dos demais vínculos familiares. Devido à sua plasticidade, o continente grupal familiar estaria sempre aberto a transformações psíquicas e, por conseguinte, pode dar origem a novas configurações, podendo se aliar a outros continentes grupais familiares – por exemplo, quando há a união entre duas pessoas pela via da conjugalidade ou quando há ampliação do universo familiar na transição do par conjugal para o casal parental.

## 6 Relacionamento com o filho adotado

As cenas que se seguem à chegada de Patrik à casa de Göran e Sven demonstram o relacionamento estabelecido entre adotantes e adotado naquele primeiro momento turbulento, marcado pelo choque da descoberta de que Patrik era um adolescente e não o bebê esperado pelo casal. Nesse contexto, a reação imediata dos cônjuges foi procurar a assistência social para devolver o Patrik “errado”, de 15 anos, e tentar descobrir onde estaria o Patrik “certo”, de um ano e meio de idade. No caminho até a instituição, o adolescente questiona:

Patrik: *Vocês são irmãos?*

Sven [bem-humorado]: *Nós parecemos irmãos?*

Patrik: *Como diabos eu ia saber? Vocês vivem juntos, assim, eu imaginei que fossem meio-irmãos.*

Sven [em tom levemente irônico]: *Meio-irmãos?*

Göran: *Sven é meu marido.*

Patrik: *Vocês são um casal?*

Göran: *Nós estamos casados.*

No diálogo em questão, quando Göran esclarece ao adolescente a natureza conjugal de seu vínculo com Sven, o faz com um gesto de mostrar a aliança que usa, símbolo da união do casal. Em seguida, antes do corte do plano, vê-se a reação de incômodo apresentada por Patrik diante da última fala de Göran: o garoto coça a nuca e vira o rosto em direção à janela do carro, em um movimento que sugere desconforto. Na cena que se segue, Patrik expõe o significado atribuído por ele à descoberta de que Sven e Göran formavam um casal. É um movimento de rejeição à configuração familiar na qual estaria inserido caso permanecesse com o casal. A reação negativa do garoto é acompanhada pela postura cética de Sven, que também não desejava levar adiante o



processo de requerer a guarda legal de Patrik:

Patrik: *Eu não vou morar com gays!*  
Sven: *Vamos resolver isso.*

No decorrer do longa-metragem, as dinâmicas relacionais entre pais e filho alteram-se significativamente, indicando os caminhos de atração e repulsão que marcam a remalhagem dos vínculos. Na medida em que evolui a aproximação gradual com Patrik e Göran, o garoto passa a vivenciar certa abertura em relação à sua postura inicial de repúdio à sexualidade dos pais adotivos. Tal transformação se anuncia no diálogo a seguir, ocorrido no contexto subsequente à separação de Göran e Sven:

Patrik: *Está perdendo cabelo, sabia?*  
Göran: *Cuidado...*  
Patrik: *Seria melhor você raspar a cabeça se quiser conhecer outro cara.*  
Göran: *Ei, por que eu deveria aceitar conselhos de um adolescente bandido? [...] Mas não quero conhecer outro cara.*  
Patrik: *Bom... Ninguém te quer mesmo!*  
Göran: *Nem quer você! [...] Desculpa, eu não quis dizer isso.*  
Patrik: *Eu sei.*  
Göran: *Claro que você vai encontrar uma casa.*

No decorrer da narrativa, a aproximação entre Göran e Patrik abre espaço para a ressignificação das expectativas do garoto que, no início do filme, afirmava categoricamente desejar encontrar uma família “normal”, composta por um casal heterossexual, porém, ao final da narrativa, quando Patrik tem a oportunidade de ser adotado por uma família que se adequa ao padrão almejado, ele opta por permanecer com o casal homossexual. Concomitantemente a esse processo, Sven, que a princípio se opunha à permanência de Patrik no ambiente familiar, acaba por assimilar a presença do adolescente. Ele então decide retornar ao lar e passa a comunicar-se de forma amistosa com o garoto, assumindo a função parental na medida em que reconhece Patrik como filho. Cabe ressaltar o papel decisivo de Patrik na reconciliação do casal, ao sugerir a Göran que fizesse um jantar para receber Sven no dia em que este voltaria à casa para recolher seus pertences. De fato, é nesse momento sensível que Sven abre seu coração e mostra seu desejo de reatar o laço conjugal, o que incluía aceitar a adoção de Patrik.

Nas cenas destacadas pela análise filmica podemos compreender o arco de transformação pelo qual passam os personagens utilizando o conceito de resiliência familiar, tal como definido por Benghozi (2010, p. 20): “a capacidade subjetiva e transubjetiva dos membros do grupo familiar para desmalhar e remalhar, para desconstruir e reconstruir o vínculo de filiação e de afiliação”. O autor aponta que a resiliência familiar propicia a preservação da “identidade do corpo psíquico familiar, apesar do rasgo, quando os continentes genealógicos são rompidos” (Benghozi, 2010,





p. 20). Vimos que Patrik anseia viver a experiência de ser amado e reconhecido, ocupando um lugar significativo na cadeia intergeracional, para que possa se sentir conectado e pertencente a um mundo que possa acolhê-lo e abraçá-lo.

O pacto de aliança conjugal, que é parte dos vínculos de afiliação, representa o potencial de criação de novos vínculos, que se dão não no interior de um mesmo continente, mas entre continentes genealógicos distintos – entre um cônjuge e outro, configurando o que Scorsolini-Comin e Santos (2016) denominam de remalhagem intercontinente. O pacto de aliança conjugal possibilita, portanto, a remalhagem dos continentes das duas famílias de origem dos parceiros íntimos. Nesse ponto, Benghozi (2010) retoma as contribuições de Kaës de que os vínculos de filiação podem ser tratados pelo vínculo de afiliação.

Pensar essa possibilidade tem grande potencial terapêutico e transformador, na medida em que abre novos horizontes para restaurar situações traumáticas, como as rupturas do vínculo de filiação que pareciam a princípio ser irreparáveis como, por exemplo, a história de rompimentos de vínculos afetivos de Patrik, que chegara aos 15 anos de idade sem poder ainda contar com a segurança de ter um lar para poder chamar de seu. Assim, os eixos filiativo e afiliativo podem ser repensados, em termos de dinâmica de malhagem, desmalhagem e remalhagem, não como vínculos radicalmente dissociados, mas como laços suscetíveis de serem interconectados, para formarem um espaço psíquico novo – o da malha. Um “trabalho de reconstrução psíquica será sempre possível”, suturando os rasgos do continente, permitindo “ir além dos impasses estruturais” (Benghozi, 2010, p. 38).

## 7 Considerações finais

A produção discursiva do cinema acerca da temática da homossexualidade tem crescido e se diversificado, propiciando a abordagem de inúmeras vertentes, o que tem permitido lançar luz sobre temas complexos como conjugalidade e homoparentalidade, criando um rico e instigante painel de possibilidades. Ao longo do filme *Patrik 1.5*, acompanhamos a história de uma adoção tardia e os êxitos e reveses da formação de vínculos entre os pais e o filho adolescente.

A análise fílmica, articulada com o referencial teórico psicanalítico, permitiu dar visibilidade aos processos intra e interpessoais que afetam indivíduos em situação de exclusão e vulnerabilidade social, como o personagem Patrik, que após sofrer abandono por parte da família de origem, percorreu um histórico de institucionalização permeado por sucessivas tentativas malogradas de adoção. Pode-se dizer que os pais adotivos também estavam submetidos às vicissitudes de processos de estigmatização, por se verem em uma posição socialmente desprivilegiada por se



mostrarem abertamente como um casal gay em meio a um ambiente conservador. Contudo, Patrik encarna uma situação de desamparo psicossocial mais preocupante, por ser desprovido de condições básicas, como o vínculo de pertencimento a uma família, para poder dar continuidade à linha de existência de seu ser. Como sujeito que ainda se encontra em processo de desenvolvimento e, por conseguinte, estar em maior vulnerabilidade, há um risco considerável de apresentar desfechos desenvolvimentais desfavoráveis caso ingresse na vida adulta sem poder contar com uma estrutura de apoio afetivo e material para sustentar seu processo de subjetivação.

Assim como o sujeito, o casal e a família que está sendo constituída pela via da adoção têm como tarefa primordial estabelecer e manter vínculos, o que supõe aprender a organizar e transformar suas heranças psíquicas, elaborando-as incessantemente. É no espaço vincular familiar que Göran, Sven e Patrik aprendem a construir, desconstruir e reconstruir seus vínculos, por vezes aos sobressaltos, movimentando-se de maneira inquieta e agitada, outras vezes obedecendo um fluxo mais tranquilo, em um cenário regido pelo imperativo ético-político de dar visibilidade a sujeitos que historicamente sofreram um processo sistemático de apagamento e estigmatização social.

A chegada de Patrik deflagrou uma crise, que se instalou a partir do momento em que um dos cônjuges mostrou interesse em adotar o adolescente, contrariando o desejo do parceiro que queria devolvê-lo ao serviço de adoção. Vimos que, na medida em que pôde se dar o nascimento simbólico do filho, Göran e Sven também nasceram como pais e reinventaram o laço conjugal, ao mesmo tempo em que reestruturaram a experiência de intimidade familiar. Esse movimento propiciou que pais e filhos protagonizassem a escrita de enredos da nova geração, que futuramente sucederia os pais na linha do horizonte temporal, oferecendo uma perspectiva de continuidade na cadeia geracional.

Acolher o diferente como filho, possibilitando-lhe um senso de pertencimento e dignidade, pressupõe efetuar investimentos recíprocos por parte de todos os membros do grupo familiar, instaurando o ingresso do sujeito na dinâmica de sua história e permitindo que ele se situe na diferença de gerações.

---

## Referências

ALVARENGA, João Gabriel Ueked de; RISK, Eduardo Name; SANTOS, Manoel Antônio dos. “Sair ou manter-se no armário?”, eis a questão: Implicações na rede de apoio social e na formação da identidade de um jovem homossexual. In: BORTOLOZZI, Ana Cláudia *et al.* (org.). *Questões sobre gênero: novos paradigmas e horizontes*. Bauru: Gradus,



2021. p. 197-208. Disponível em:

BENGHOZI, Pierre. *Malhagem, filiação e afiliação: Psicanálise dos vínculos: Casal, família, grupo, instituição e campo social*. São Paulo: Vetor, 2010.

BESSA, Karla. Os festivais GLBT de cinema e as mudanças estético-políticas na constituição da subjetividade. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 28, n. 28, p. 257-283, 2007.

BORGES, Beatriz; HOLANDA, Rafael; RODRIGUES, Mateus. Comissão da Câmara discute projeto que pode vetar casamento civil entre pessoas do mesmo sexo. *GI*, [s. l.], 5 set. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/09/05/comissao-da-camara-projeto-casamento-civil-entre-pessoas-do-mesmo-sexo.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2023.

BRAGA, Iara Falleiros *et al.* As múltiplas faces e máscaras da heteronormatividade: Violências contra adolescentes e jovens homossexuais brasileiros. *Salud & Sociedad: Investigaciones en Psicología de la Salud y Psicología Social*, Puerto Rico, v. 9, n. 1, p. 52-67, 2018.

BRAGA, Iara Falleiros *et al.* Rede e apoio social para adolescentes e jovens homossexuais no enfrentamento à violência. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 297-318, 2017.

BRASIL. Lei nº 12.010, de 3 de agosto de 2009. Dispõe sobre adoção; altera as Leis n. 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, 8.560, de 29 de dezembro de 1992; revoga dispositivos da Lei n. 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil, e da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1 de maio de 1943; e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 4 ago. 2009. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/112010.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112010.htm). Acesso em: 5 abr. 2022.

BRASIL. *Supremo reconhece união homoafetiva*. Brasília, DF: Supremo Tribunal Federal, 2011. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=178931>. Acesso em: 5 nov. 2023.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in Psychology. *Qualitative Research in Psychology*, [London], v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/235356393\\_Using\\_thematic\\_analysis\\_in\\_psychology](https://www.researchgate.net/publication/235356393_Using_thematic_analysis_in_psychology). Acesso em: 5 nov. 2023.

CECÍLIO, Mariana Silva; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Relações entre conjugalidade e parentalidades adotiva e biológica. *Psico*, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 245-256, 2013.

CECÍLIO, Mariana Silva; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Produção científica sobre adoção por casais homossexuais no contexto brasileiro. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 18, n. 3, p. 507-516, 2013.



CULLER, Jonathan. Em defesa da superinterpretação. In: ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 129-146.

GASPODINI, Icaro Bonamigo; FALCKE, Denise. Estudos psicológicos brasileiros sobre preconceito contra diversidade sexual e de gênero. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, Londrina, v. 10, n. 2, p. 59-79, 2019.

[https://www.graduseditora.com/\\_files/ugd/c7d661\\_e05ce4f966e844c79715bd6bb94ccdad.pdf](https://www.graduseditora.com/_files/ugd/c7d661_e05ce4f966e844c79715bd6bb94ccdad.pdf). Acesso em: 5 nov. 2023.

LIRA, Aline Nogueira de; MORAIS, Normanda Araujo de. Psychosocial adjustment profiles of gay and lesbian individuals involved in marital relations: a cluster-based analysis. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 30, p. 1-11, 2020.

MACHIN, Rosana. Homoparentalidade e adoção: (Re)afirmando seu lugar como família. *Psicologia & Sociedade*, Recife, v. 28, n. 2, p. 350-359, 2016.

MAGALHÃES, Andrea Seixas. Transmutando a subjetividade na conjugalidade. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 225-243.

MATA, Joziana Jesus da; SANTOS, Manoel Antônio dos; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Conjugalidade e parentalidade em casais homossexuais e heterossexuais: Revisão integrativa da literatura. *Pensando Famílias*, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 32-45, 2020.

MORENO, Antônio. *A personagem homossexual no cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: Funarte: Ed. UFF, 2001.

NASCIMENTO, Geysa Cristina Marcelino *et al.* Relacionamentos amorosos e homossexualidade: Revisão integrativa da literatura. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 547-563, 2015.

OTUKA, Livia Kusumi; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. A configuração dos vínculos na adoção: Uma atualização no contexto latino-americano. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 475-486, 2009.

OTUKA, Livia Kusumi; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. (2010). O entrelaçamento dos desejos no projeto de adoção por famílias com filhos biológicos: Uma compreensão winnicottiana. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 155-167, 2010.

OTUKA, Livia Kusumi; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Adoção suficientemente boa: Experiência de um casal com filhos biológicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, DF, v. 28, n. 1, p. 55-63, 2012.

OTUKA, Livia Kusumi; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Adoção tardia por casal divorciado e com filhos biológicos: Novos contextos para a parentalidade. *Estudos de Psicologia*,



Campinas, v. 30, n. 1, p. 89-99, 2013.

PASSOS, Maria Consuelo. Homoparentalidade: Uma entre outras formas de ser família. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 31-40, 2005.

PATRIK 1.5. Direção: Ella Lemhagen. Intérpretes: Tom Ljungman; Gustaf Skarsgård; Torkel Petersson *et al.* Estocolmo: Sveriges Television, 2008. 1 DVD (103 min.).

PEIXOTO, Myllena Ferreira *et al.* Hermeneutic comprehensions on female vulnerabilities belonging to the collective of lesbians, bisexuals, and transexuals. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 42, p. 1-12, 2021.

RIBEIRO, Elisa Mariana Carvalho; MARTINS, Fábio Henrique Silva; TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva. Possibilidades de aprisionamentos e de dissidências na adoção de crianças e adolescentes. *Parrésia: Revista Discente de Psicologia*, Assis, v. 1, n. 1, p. 33-54, 2017.

RIBEIRO, Marina Ferreira da Rosa. Reflexões sobre conjugabilidade e parentalidade. Um caleidoscópio de constituições familiares. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 49, n. 91, p. 97-109, 2016.

RISK, Eduardo Name; SANTOS, Manoel Antônio dos. A construção de personagens homossexuais em telenovelas a partir do cômico. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, v. 19, n. 2, p. 1-14, 2019.

RISK, Eduardo Name; SANTOS, Manoel Antônio dos. Estudos culturais, pesquisa qualitativa e mídias: critérios metodológicos para análise de dados audiovisuais. *Psicologia & Sociedade*, Recife, v. 33, p. 1-16, 2021a.

RISK, Eduardo Name; SANTOS, Manoel Antônio dos. Formações discursivas sobre homossexualidade e família homoparental em telenovelas brasileiras. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 41, n. 3, p. 1-15, 2021b.

ROSA, Jéssica Moraes *et al.* A construção dos papéis parentais em casais homoafetivos adotantes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 36, n. 1, p. 210-223, 2016.

RUSSO, Vito. *The celluloid closet*. New York: Harper & Row, 1987.

SANTOS, Camila Backes dos *et al.* A diversidade sexual no ensino de Psicologia. O cinema como ferramenta de intervenção e pesquisa. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, v. 7, p. 127-141, 2011.

SANTOS, Manoel Antônio dos *et al.* Dos laços de sangue aos laços de ternura: O processo de construção da parentalidade nos pais adotivos. *Psic*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 14-21, 2003.

SANTOS, Yurín Garcêz de Souza; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Homoparentalidade masculina: Revisando a produção científica. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, Porto Alegre, v. 26, n. 3, p. 572-582, 2013.



SCORSOLINI-COMIN, Fabio; AMATO, Lissandra Maria; SANTOS, Manoel Antônio dos. Grupo de apoio para casais pretendentes à adoção: A espera compartilhada do futuro. *Revista da SPAGESP*, Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, p. 40-50, 2006.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Aprender a viver é o viver mesmo: O aprendizado a partir do outro em um grupo de pais candidatos à adoção. *Vínculo: Revista do NESME*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 115-130, 2008.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Construir, organizar, transformar: Considerações teóricas sobre a transmissão psíquica entre gerações. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 141-159, 2016.

SILVA, Joelson Alves da; SOUSA, Aline Maria Barbosa Domício; FERNANDES-ELOI, Juliana. Homoparentalidade no contexto da adoção e das práticas parentais: Uma revisão sistemática. *Pensando Famílias*, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 60-75, 2017.

SILVA, Patricia Santos *et al.* Fatores que influenciam a transição para a parentalidade adotiva: Uma revisão sistemática. *Contextos Clínicos*, São Leopoldo, v. 11, n. 3, p. 319-334, 2018.

SOUZA, Carolina de *et al.* Violência contra mulheres lésbicas/bissexuais e vulnerabilidade em saúde: Revisão da literatura. *Psicologia, Saúde & Doenças*, Lisboa, v. 22, n. 2, p. 437-453, 2021.

SOUZA-SANTOS, Yurín Garcêz de; SANTOS, Manoel Antônio dos. Social transformations and couple relationships in Brazilian gay men. In: MORAIS, Normanda Araujo de; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; CERQUEIRA-SANTOS, Elder. *Parenting and couple relationships among LGBTQ+ people in diverse contexts*. Switzerland: Springer, 2021. p. 95-113.

TOMBOLATO, Mário Augusto *et al.* Prejudice and discrimination in the everyday life of same-sex couples raising children. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 35, n. 1, p. 111-122, 2018.

TOMBOLATO, Mário Augusto; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; SANTOS, Manoel Antônio dos. A trajetória de adoção de uma criança por um casal de lésbicas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 35, p. 1-11, 2019.

VIANA, Francisco Daniel Coelho *et al.* Compreensões e repercussões sob o prisma da homoparentalidade adotiva: Uma revisão sistemática da literatura. *Revista de Casos e Consultoria*, Natal, v. 13, n. 1, p. 1-19, 2022.

